

Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa

ARACY MOEBIUS DE CARVALHO GUIMARÃES ROSA¹

(Rio Negro/PR, Brasil, 1908; S. Paulo/SP, Brasil 2011)



Aracy Moebius de Carvalho. Acervo: IEB/USP.

1 História de vida reconstituída a partir de pesquisas realizadas por Maria Luiza Tucci Carneiro e Blima Lorber, tendo como referências os livros das historiadoras Mônica Raissa Schpun e Tucci Carneiro, aqui citados. Acervos consultados: Arquivo Histórico do Itamaraty do Rio de Janeiro, Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Arqshoah/Leer-USP. Agradecimentos especiais ao Dr. Eduardo Tess e sua filha Dra. Beatriz Tess pela liberação das fotografias sob a guarda do IEB/USP.

O perfil de Aracy

Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa nasceu em Rio Negro (Paraná),^A em 5 de dezembro de 1908, filha de Sidonie (Sida) Moebius de Carvalho, nascida em Halle (Saale), na Alemanha, e de Amadeu Anselmo de Carvalho, de Portugal. Quando Aracy nasceu, o casal se encontrava naquela cidade, possivelmente em razão dos negócios. A família de Aracy é descrita como de classe média abastada, residente no bairro de Perdizes, em S. Paulo, onde morava desde 1910. O pai era comerciante e, depois, tornou-se proprietário do cassino do Grande Hotel de Guarujá. Aracy cursou o primário em colégio de freiras no bairro de Santana e depois fez ginásio no Colégio Batista Brasileiro, em Perdizes (SCHPUN, 2011, p. 26-27).

A-Rio Negro foi inicialmente um núcleo de colonização da Estrada da Mata aberta em 1730, cujo propósito era atender a população que transitava entre a capitania de S. Paulo, Viamão e a Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul que pretendia alcançar a Feira de Sorocaba. Para dar maior estabilidade à localidade, o governador D. Francisco de Assis Mascarenhas autorizou o estabelecimento de 50 casais de portugueses açorianos oriundos do Porto de Cima (Morretes). Em 1829 chegaram os primeiros imigrantes alemães ao Paraná e, alguns anos depois, outras famílias além das regiões paranaenses e do Rio Grande do Sul. Em 1886, vieram 15 famílias de romenos da Bucovina, poloneses e italianos. Em 1838, o núcleo foi elevado à categoria de freguesia e, em 2 de abril de 1870, passou a ser vila e município.



Rio Negro (Paraná), cidade natal de Aracy Moebius.
Google Maps.

Em 1930, Aracy casou-se com o alemão Johann Eduard Ludwig Tess, filho de Charlotte Thusnelda e do comerciante Hugo Johannes Eduard Tess. Desse matrimônio, nasceu Eduardo Carvalho Tess. Esse enlace alterou a qualidade de vida e a posição socioeconômica de Aracy. Separou-se seis anos depois, quando ainda não existia o divórcio no Brasil. Em 5 de março de 1934, aos 26 anos, embarcou com o filho de 5 anos no vapor Monte Pascoal, da empresa alemã Hamburg-Süd, rumo à Alemanha. Antes de deixar o Brasil, como católica fervorosa, Aracy tornou-se sócia da Liga das Senhoras Católicas que reunia as damas beneméritas da sociedade paulistana em torno dos projetos beneficentes da Igreja Católica. Aracy, procurando garantir uma vida tranquila e segura para o pequeno Eduardo, foi residir na casa de Lucy, irmã de sua mãe, e Dietrich Luttmer, em Hamburgo.

Após um ano, Aracy retornou ao Brasil para assinar o desquite, regressando, em seguida, para Hamburgo em plena euforia com a crescente ascensão de Adolf Hitler, chanceler desde 1933. A instabilidade econômica, o desemprego e o descontentamento herdados do pós-guerra exigiam a mobilização da sociedade que clamava por transformações radicais.^A Pairava no ar a convicção de que o modelo liberal implantado pela República de Weimar (1924-1929) estava falido, favorecendo o fortalecimento das propostas do nacional-socialismo calcadas no antiliberalismo e antissemitismo. A partir desse momento, Hitler, apoiado pelas Tropas de Assalto (*Sturmabteilung* – SA) e pela SS, intimidava a população com ataques, prisões e assassinatos, cujo alvo eram os grupos que se opunham ao regime. Os discursos dele, reafirmados pela contundente propaganda do regime,

A-Alemanha no período entreguerras: Em outubro de 1918, uma das condições impostas pelo presidente norte-americano Wilson para negociar a paz após a Primeira Guerra Mundial foi de a Alemanha ter um governo eleito pelo povo. Em novembro, o Conselho de Operários, Soldados e Camponeses de Munique proclamou a República Socialista da Baviera, seguida dois dias depois de uma manifestação revolucionária em Berlim, que culminou com a abdicação do imperador, transferindo a chefia de Estado para Freidrich Ebert, líder do Partido Social-Democrata e propondo a convocação de uma Assembleia Nacional constituinte. O regime republicano saiu vitorioso sobre a monarquia, mas antes vivenciou a experiência de uma revolução bolchevique articulada pelo Partido Comunista da Alemanha, cujos líderes Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo e outros militares da Liga Spartacus foram brutalmente eliminados em 1919. A esse cenário somaram-se as consequências das restrições impostas pelo Tratado de Versalhes em 1918 que radicalizou, ainda mais, a instabilidade econômica e política da Alemanha. Em 1923, reunido em Weimar, o governo social-democrata votou a nova Constituição fundamentada em um modelo federalista, democrático, liberal e parlamentarista. Entre 1924 e 1929, vigorou a República de Weimar.

Vozes do Holocausto



Ascensão de Hitler. Bückeberg, 1934.



Desfile da SS diante do líder na *Reichsparteitag*, 1935.



Jovens saúdam o líder Adolf Hitler. Bückeberg, 1935.

Fotografias de Heinrich Hoffmann. Álbum *Adolf Hitler. Bilder aus dem Leben des Führers*. Leipzig: Cigaretten-Bilderdienst, Altona-Bahrenfeld, 1936. p. 89, 128, 63. Acervo: Tucci/SP.

anunciavam a (re)construção da Alemanha fundamentada no slogan “uma nação forte para um povo forte”, “limpa de judeus”.^A

Aracy Moebius de Carvalho foi testemunha do impacto social e econômico acarretado pela ascensão do nacional-socialismo e das violências antissemitas que abalaram o cotidiano dos judeus na sociedade alemã. Ela lá estava desde março de 1934, mas nada comentou em sua correspondência pessoal sobre os fatos presenciados nos primeiros anos em que viajou pela Alemanha. Presenciou a implantação das Leis de Nuremberg^B, introduzidas pelo *Reichstag* em 15 de setembro de 1935, proibindo o casamento entre judeus e não judeus. Em 26 de novembro, certamente soube que tais proibições foram expandidas para negros e ciganos, ampliando o círculo dos párias do *Reich*. Testemunhou também, em 15 de outubro de 1936, as consequências das leis promulgadas pelo Ministério da Educação do *Reich*, que proibiu os professores judeus de lecionar em escolas públicas. Aproveitando-se desse momento de fragilidade das comunidades judaicas da Alemanha (e posteriormente dos países ocupados), o *Reich* expropriou os judeus de suas fortunas, exigindo pesadas fianças para liberar a saída do país (BURRIN, 1990, p. 57).

Aracy, possivelmente, vislumbrou, pelas ruas das cidades alemãs que visitou, os cartazes proibindo a entrada de judeus nos espaços públicos, anunciados como se fossem “cachorros pestilentos”. Mulher culta, deve ter acompanhado pelos jornais e pelo rádio os discursos que, diariamente, vomitavam o fel da propaganda racista que corroía a alma dos alemães que queriam ser puros, arianos. Aracy estava em Berlim por ocasião dos Jogos Olímpicos, abertos em 1º de agosto de 1936. Os atletas judeus, além de serem expulsos dos seus clubes, foram também

A-O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, o Partido Nazista, foi fundado em 1921 e liderado por Adolf Hitler – ferido na Primeira Guerra Mundial e promovido à patente de cabo ao retornar – e pelo general Ludendorff, que tentará um golpe em Munique. Preso, Hitler passou oito meses na prisão, período em que escreveu *Mein Kampf* [*Minha luta*], a futura “bíblia” dos militantes do nazismo e dos antissemitas. Com as eleições de 1932, o Partido Nazista conseguiu 37,5% do total de votos, garantindo no ano seguinte a indicação de Hitler como chanceler. Hitler impôs uma ditadura pessoal, sendo autorizado pelo presidente Hindenburg a dissolver o Parlamento. Em fevereiro de 1933, forças paramilitares incendiaram o *Reichstag*, o Parlamento alemão, responsabilizando os comunistas pelo ato. Em consequência, em 23 de março, Hitler obteve plenos poderes para debelar a desordem. Em 1934, a ditadura hitlerista já era um fato, tendo também submissos os bispos católicos. Com a morte de Hindenburg em 2 de agosto de 1934, Hitler assumiu a chefia do Estado, dando início ao *Terceiro Reich*. Com a morte de Hindenburg, Hitler fundiria os cargos de *Reichspräsident* e *Reichskanzler* no novo título *Führer und Reichskanzler*, tornando-se chefe das Forças Armadas, e então o Exército passou a prestar juramento de fidelidade a Hitler. Em outubro de 1933, a Alemanha retirou-se da Sociedade das Nações, organização desprezada por Hitler (HOBSBAWM, 1989, p. 132-133; NORBERT, 1997).

B-As Leis de Nuremberg foram um conjunto de leis antissemitas criadas pela Alemanha nazista e anunciadas em 15 de setembro de 1935 pelo *Reichstag*, numa reunião especial durante o comício anual do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP), realizado em Nuremberg. Conjunto composto por duas leis: *Lei para a Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã*, as quais proibiam os casamentos, as relações sexuais fora do casamento entre judeus e alemães, e o emprego de mulheres alemãs com menos de 45 anos de idade em casas de judeus; e a *Lei da Cidadania do Reich*, que estabelecia que apenas os indivíduos com sangue alemão ou relacionado poderiam ser cidadãos do *Reich*, os demais eram classificados como sujeitos do Estado, sem qualquer tipo de direito de cidadania. Um decreto complementar com as definições sobre quem era considerado judeu foi publicado em 14 de novembro de 1935, e a *Lei da Cidadania do Reich* entrou em vigor nesse dia, e, em 26 de novembro, incluíram-se os ciganos e negros definidos como “inimigos do Estado racial”.

proibidos de participar das competições. Deslumbrada com aquele espetáculo, Aracy escreveu para a mãe em um cartão-postal: “Berlim está uma maravilha” (FUNDO ARACY, IEB).

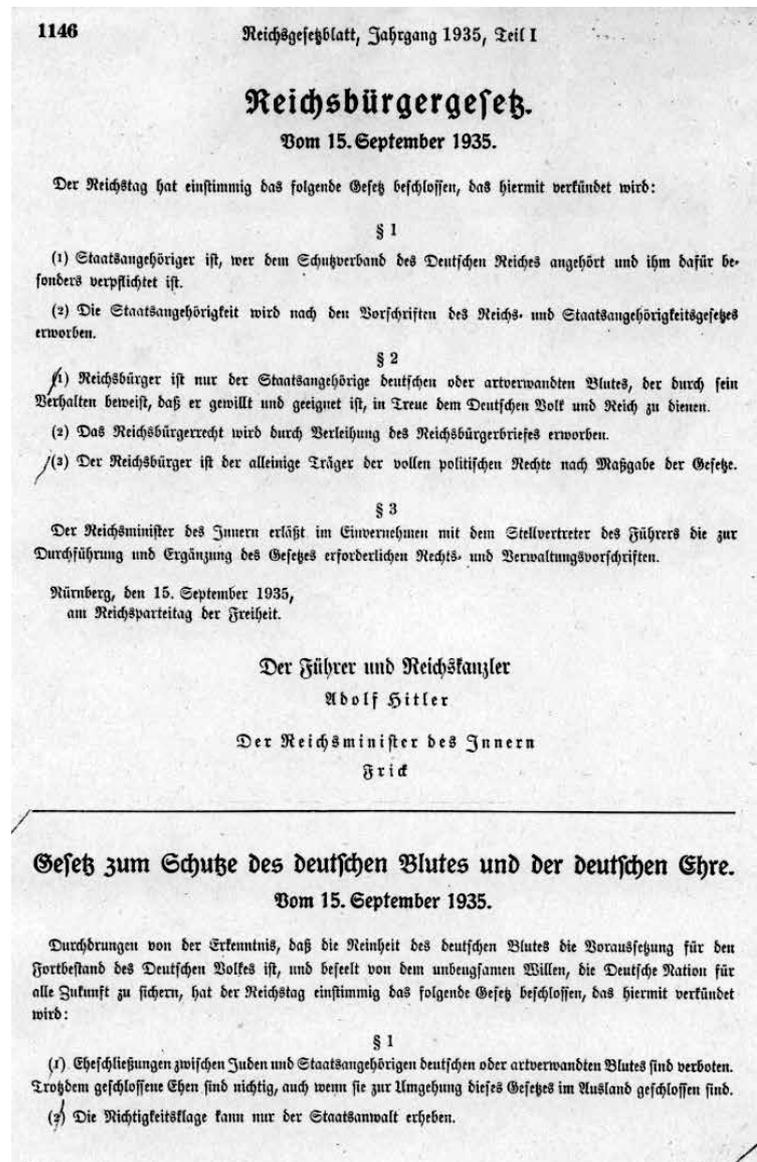
“Berlim maravilhosa”. Jogos Olímpicos, 1936



Laufen und Gehen. *Olympia-Book*, n. 8, em associação com o Reichssportführer publicado pela propaganda Rusfchub, Berlim: Sports Advertising Office, 1936, p. 16-17. Acervo Tucci/SP.

Aos olhos de Aracy, ampliava-se o círculo dos judeus escorraçados que, desde o boicote econômico ao comércio implementado em 1933, mostravam-se perplexos, aterrorizados. As condições de sobrevivência estavam minguando, em contraposição à intolerância que assumia dimensões inexplicáveis. As ações antissemitas repercutiram, de imediato, nos consulados que, a partir de então, passaram a receber milhares de pedidos de vistos de judeus que queriam emigrar da Alemanha para a Holanda, a França, os Estados Unidos, a Palestina e os países da América do Sul, incluindo Brasil, Argentina, Chile e Bolívia. Entre 1933 e 1935, cerca de 78 mil judeus saíram da Alemanha, e, em 1938, a emigração atingiu um total de 150 mil, ou seja, uma parcela considerável da população judaica da Alemanha.

Exatamente nesse momento, entre agosto de 1936 e início de 1938, Aracy estava atendendo no consulado-geral do Brasil em Hamburgo (CARNEIRO, 2010, p. 193).



Lei para a Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã (fragmento).

Nuremberg, 15 de setembro de 1935.

Fonte: *Reichsgesetzblatt* (RGBl), 1935, p. 1146.

Aracy na clandestinidade

Desde a chegada a Hamburgo, Aracy pretendia conseguir emprego na Alemanha, para, dessa forma, manter as despesas da casa e sustentar o pequeno Eduardo. Mulher arrojada

para a sua época, culta e poliglota, chamava a atenção por sua beleza. Graças à indicação do Dr. Armando Franco Soares Caiuby, amigo da mãe Sida, ao então ministro das Relações Exteriores do Brasil, José Carlos de Macedo Soares, e por sua aptidão para idiomas, sendo fluente em português, alemão, inglês e francês, Aracy obteve nomeação em 1935 para um posto administrativo no consulado brasileiro em Hamburgo, em exercício a partir de agosto de 1936, como chefe da Seção de Passaportes. Sua admissão como auxiliar foi autorizada por Domingos de Oliveira Alves, cônsul-geral de Hamburgo, recém-empossado em 26 de julho de 1936. A partir dessa data, Aracy deixou a casa do casal Luttmer, em Harburg (um bairro de Hamburgo), para residir no quarto andar de um prédio situado na Immenhof, no bairro de Mundsburg (SCHPUN, 2011, p. 34-35).

Aracy recebia, inicialmente, um salário de 20 libras esterlinas depositadas mensalmente em uma conta bancária aberta em Londres, conforme investigou Mônica Schpun. Somente em fevereiro de 1938 Aracy teve seu contrato regular assinado pelo cônsul-geral adjunto, Mauro Pontes, que assumia a chefia do consulado após a aposentadoria do cônsul-geral, Domingos de Oliveira Alves. Com estabilidade profissional garantida e com o salário aumentado para 36 libras, 13 xelins e 4 *pence*, Aracy pôde vislumbrar dias melhores, principalmente após a chegada de João Guimarães Rosa (1908-1967) que, em maio de 1938, assumiu o cargo de cônsul de terceira classe, no consulado-geral do Brasil em Hamburgo.^A Com apenas 30 anos, Rosa havia trocado a medicina pela diplomacia. No Brasil, deixara a primeira mulher, Lygia Cabral Pena, e as duas filhas, Vilma e Agnes.

A-João Guimarães Rosa (1908-1967) foi médico, diplomata e escritor. Ingressou na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (hoje Faculdade de Medicina da UFMG) com 17 anos incompletos. Graduou-se em 1930 e, escolhido orador da turma, chamou a atenção dos doutorandos para a necessidade de uma prática médica impregnada de humanismo. Recém-formado, clinicou, durante cerca de um ano e meio, em Itaguara; em abril de 1933, após ter participado, como médico voluntário da Força Pública, da Revolução Constitucionalista, transferiu-se para Barbacena, na condição de oficial médico do 9º Batalhão de Infantaria. Prestou concurso para o Itamaraty em meados de 1934.

Ao lado de Aracy, o jovem João teria a oportunidade de presenciar cenas cotidianas de humilhação dos judeus alemães rebaixados a cidadãos de segunda classe, sem qualquer garantia ou instância judicial. Como diplomata brasileiro, deveria cumprir as regras antisemitas impostas pelas Circulares Secretas, encaminhadas pelo governo brasileiro desde 7 de junho de 1937.^A Ao mesmo tempo, não poderia ignorar as leis de exclusão adotadas pela Alemanha para acelerar o processo de “arianização” da sociedade e economia. As marcas da infâmia e da impureza do sangue dos judeus eram visíveis nos documentos que circulavam pelas embaixadas e consulados. Era impossível ignorar os passaportes emitidos com o “J” vermelho na capa, conforme exigência em vigor desde outubro de 1938, ou com o acréscimo dos nomes “Sara” e “Israel” entre os nomes e sobrenomes dos judeus.

A-Circulares Secretas (1937-1949): A primeira Circular Secreta antisemita foi emitida pelo Ministério das Relações Exteriores durante a gestão do chanceler Mario de Pimentel Brandão, identificada com o número 1.127. Tinha como objetivo regulamentar a entrada de estrangeiros em território nacional, configurando a adoção de uma política imigratória restritiva aos judeus. A partir de 27 de setembro de 1938, as Circulares Secretas foram aprovadas pelo chanceler Oswaldo Aranha que, durante toda a sua gestão, procurou “regulamentar” a entrada de semitas (leia-se judeus) no território nacional. Essas circulares continuaram sendo aplicadas até setembro de 1949, portanto no governo de Eurico Gaspar Dutra. As consequências das restrições impostas pelas Circulares Secretas aos judeus perseguidos pelo nazismo ainda não foram devidamente analisadas, pois até 1986 esse era um assunto tabu e desconhecido dos historiadores brasileiros, e evitado pela comunidade judaica brasileira que rendia louvores a Oswaldo Aranha, exaltado como o brasileiro que garantiu a Partilha da Palestina na Organização das Nações Unidas (ONU), em 1946, seguida da criação do Estado de Israel. Uma lista completa dessas circulares pode ser consultada nos livros de Maria Luiza Tucci Carneiro: *O anti-semitismo na Era Vargas* (2001), *O veneno da serpente* (2003) e *Cidadão do mundo* (2010), publicados pela Editora Perspectiva.



Passaporte de Kurt Alexander com o “J” vermelho. A família Alexander teve os vistos assinados pelo cônsul adjunto João Guimarães Rosa. Acervo: D. Alexander/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Desafiando os nazistas e as Circulares Secretas

Em 6 de fevereiro de 1937, o cônsul-geral do Brasil em Hamburgo, Domingos de Oliveira Alves, relatou ao ministro brasileiro Mario de Pimentel Brandão que, no segundo semestre de 1936 (portanto quando ainda não estava em vigor a Circular Secreta nº 1.127), haviam sido concedidos 737 vistos, da cota de 774 distribuídos entre quatro consulados na Alemanha: Hamburgo: 450; Berlim: 209; Bremen: 21, Colônia: 57. O cônsul fez questão de frisar que o maior contingente dessa emigração era de israelitas, “elementos pouco desejáveis, exercendo profissões outras que não de agricultores, e para quem as nossas leis imigratórias, certamente demasiado liberais, não fazem discriminação” (Relatório de Domingos de Oliveira Alves a Mario de Pimentel Brandão. Hamburgo, 6 Fev. 1937 – AHI/Rj).

À medida que a violência nazista se espalhava por toda a Alemanha, as filas nos consulados aumentavam, anunciando a catástrofe que estava por vir. Como funcionária responsável pela avaliação da documentação entregue pelos judeus na Seção de Passaportes, Aracy assumia riscos que colocavam sua carreira e vida em perigo. Segundo testemunhos registrados pela historiadora Mônica Schpun, desde 1938, Aracy agia nos bastidores do consulado-geral do Brasil em Hamburgo burlando, do seu jeito, as restrições antissemitas impostas pelo governo brasileiro. Dessa forma, posicionava-se, também, como oponente à política de “arianização” imposta pelo Estado alemão e administrada pelos dirigentes do Partido Nacional-Socialista (SCHPUN, 2011, p. 133- 248).

A situação para os judeus agravou-se ainda mais com a anexação da Áustria (*Anschluss*), oficialmente anunciada em 13 de março de 1938, e após a *Noite dos Cristais* (*Kristallnacht*) em 9 e 10 de novembro de 1938. Após esse *pogrom*, cerca de mil homens judeus foram detidos em Hamburgo e enviados ao campo de concentração de Sachsenhausen, perto de Berlim.^A Entre esses prisioneiros estavam o pai de Hannelore Inge (1925-2009), de 53

anos, que permaneceu internado de 9 de setembro a 20 de dezembro de 1938, e Herbert Katz, pai de Egon Katz (1926-2010), 43 anos, comerciante de trigo, que ali ficou preso durante 30 dias.

As cotas disponibilizadas pelos países de imigração não atendiam à demanda dos pedidos de vistos de partida, ainda que os nazistas estivessem interessados em livrar-se deles. A criação do Escritório Central de Emigração Judaica, em janeiro de 1939, foi acompanhada do aumento da violência antissemita que, a cada dia, tornava impossível a vida na Alemanha e em territórios ocupados. Com a ocupação da Polônia e o início da Segunda Guerra Mundial em 1º de setembro de 1939, o círculo dos judeus excluídos e aterrorizados ampliou-se ainda mais, como escreveu Guimarães Rosa (1970, p. 115) em “A velha”, após testemunhar as grandes filas “sob nó de angústias”:

O consulado foi invadindo-se de judeus, sob nó de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio – rouco, raivoso.

No final de junho de 1939, 309 mil judeus alemães, austríacos e tchecos (agora incorporados ao *Reich*) entraram com pedidos de vistos junto às autoridades americanas, que disponibilizavam apenas 27 mil vagas da cota prevista.^B Vários judeus, com a conivência de Guimarães Rosa, foram ajudados por Aracy que procurava, envolvendo outros voluntários, garantir uma saída segura da Alemanha. Essas ações perigosas incluíam providências para que os fugitivos levassem alguns

A-Sachsenhausen foi um campo de concentração na Alemanha que esteve ativo desde meados de 1936 até abril de 1945. Recebeu esse nome por causa da região onde se localizava. Sachsenhausen fazia parte da cidade de Oranienburg, em Brandemburgo. De agosto de 1945 até por volta de 1950, Sachsenhausen serviu como acampamento especial soviético. Foi a primeira de uma série de instalações construídas pelos nazistas para confinar ou liquidar em massa opositores políticos, judeus, ciganos, homossexuais, Testemunhas de Jeová e, posteriormente, milhares de prisioneiros de guerra.

B-Segundo o historiador Alfred Wahl (1993, p. 137), até 1939, cerca de 450 mil pessoas deixaram a Alemanha, das quais 330 mil eram judeus, 25 mil dissidentes políticos (12 mil comunistas, oito mil socialistas e cinco mil de outros segmentos, incluindo católicos). De grande visibilidade foi a fuga de 5.500 professores, intelectuais escritores e artistas, dos quais 24 cientistas ganhadores do Prêmio Nobel na área das ciências. Os Estados Unidos receberam 48% desses imigrantes, a Grã-Bretanha recebeu 10% após a *Noite dos Cristais*, e 8% foram para a Palestina, então sob o controle dos britânicos. Até 1945, 130 mil judeus alemães entraram nos Estados Unidos, 65 mil na França (antes de maio de 1940), 55 mil na Palestina e 90 mil em diversos países da América Latina.

pertences e até mesmo móveis e joias. Desafiando as normas antissemitas impostas pelas Circulares Secretas que restringiam a entrada de judeus no Brasil desde junho de 1937, ela começou a facilitar a concessão de vistos para os judeus que procuravam o consulado de Hamburgo.

Os caminhos de liberdade abertos por Aracy e Guimarães Rosa garantiram a preservação da vida de milhares de cidadãos que, naquele momento, emergiam como vítimas da ignorância nazista. Pelas trilhas dos excluídos transitaram grupos heterogêneos que, segundo a classificação totalitária, não eram dignos de continuar vivendo na sociedade alemã. As intermináveis filas de refugiados nos oferecem uma verdadeira tipologia da exclusão, delineada pelo emprego da violência, do terror, da pseudociência, da censura e da mentira, entre tantos outros artifícios totalitários.

Mesmo correndo sérios riscos se fosse descoberta, ajudou várias famílias de judeus a fugir da Alemanha, estratégia para escapar da morte nos campos de concentração. Pouco se sabe sobre essa atuação no consulado, pois ela sempre cuidou para não deixar rastros ou qualquer comentário na correspondência com a mãe ou em suas anotações pessoais. Imaginamos que, ao encaminhar a documentação aos seus superiores para assinatura, Aracy omitia qualquer informação que identificasse o requerente como judeu, como marcar o “J” vermelho na capa do passaporte. Além desse subterfúgio para “enganar” o cônsul-geral, é possível que os vistos requeridos por judeus fossem colocados em meio à papelada para assinatura, sem chamar a atenção para a identidade do requerente. Em alguns casos, o refugiado foi proibido de

desembarcar no Brasil, por infringir as normas das Circulares Secretas, como aconteceu com o alemão Erwin Schindler em 18 de março de 1938.^A

Aracy e João testemunharam, lado a lado, as perseguições aos judeus e a guerra. Entre 1938 e 1942, Rosa registrou suas impressões de diplomata brasileiro na Alemanha nazista em um diário, hoje sob a guarda do Museu dos Escritores Mineiros, na Universidade Federal de Minas Gerais. Em suas anotações, Guimarães Rosa narra a perseguição aos judeus e faz sutis referências ao seu romance com “Ara” em 16 menções. A publicação desse diário continua proibida pelas filhas do escritor, Agnes e Vilma, que procuram ignorar a importância histórica desse registro. A partir de 24 de agosto de 1938, João escreveu a Aracy cerca de 107 cartas e 44 cartões, bilhetes e telegramas, verdadeiras declarações de amor, documentação analisada pelas historiadoras Neuma Cavalcante e Elza Miné que preparam uma biografia de Aracy. Em 20 de novembro de 1939, em plena Segunda Guerra Mundial, Aracy assim escreveu a sua amiga Lili Pimentel:

Já no terceiro mês de guerra, a Senhora não póde imaginar como isto aqui está, e que vida estamos levando. Os víveres só podem ser comprados em quantidade limitadas, por meio de cartas, o mesmo acontecendo para a aquisição de quase tudo, a gente precisa de apresentar nas lojas “Bezugsschein” especial. Meias, só se podem comprar 4 pares por ano; vestidos de lã, um. E assim por diante. Felizmente, nós do Consulado recebemos cartas especiais, que nos dão direito a ter a quantidade de coisas de que precisamos, a não ser gasolina e sabão, artigos estes que são contingentados mais rigorosamente, e para os quais taxaram a quantidade

A-Erwin Schindler estava a bordo do navio Cap Arcona, procedente de Hamburgo. O nome dele consta de uma lista de passageiros rejeitados pelo governo Vargas, que foram proibidos de desembarcar no porto de Santos, em 18 de março de 1938. Schindler, então com 43 anos, procedia de Frankfurt, onde havia se aposentado como diretor de distrito. Tinha como destino a Fazenda Amália, em Atibaia (SP), de propriedade de Francisco Matarazzo, onde já residia um grupo especial de judeus italianos autorizados a ingressar no Brasil como técnicos (CARNEIRO, 2010, p. 158).

Vozes do Holocausto

que podemos obter. Por enquanto é esta a nossa situação, que temos muito receio de ver, a qualquer hora, piorar (apud BONOMO, 2009).

Na documentação do Arquivo Histórico do Itamaraty no Rio de Janeiro, não há indícios do envolvimento direto de Guimarães Rosa com as ações salvacionistas de Aracy, mas, certamente, os devidos cuidados foram tomados pelo casal, tendo em vista as restrições impostas pelo Itamaraty. Aracy, além dos vistos, conseguia forjar também passaportes sem o “J” vermelho que assinalava para as autoridades consulares e nazistas a identidade judaica



Página do diário de Guimarães Rosa produzido durante o período em que o diplomata viveu em Hamburgo. Acervo: Museu dos Escritores Mineiros, UFMG; Arqshoah/Leer-USP.



Aracy (à direita) e João Guimarães Rosa (sentado, à esquerda) com diplomatas na sede do consulado-geral do Brasil. Hamburgo, s.d. Acervo: IEB/USP.

de seu portador. Costumava misturar os pedidos de vistos à papelada que apresentava ao cônsul-geral para colher assinatura e que, possivelmente sem saber, despachava os judeus para o Brasil. No entanto, basta constatar a assinatura de Guimarães Rosa nas fichas consulares de qualificação para imaginar que ele compartilhava com Aracy os riscos daquela empreitada humanitária.

Algumas vezes, Aracy foi presa por estar carregando alimentos dentro do carro, que seriam levados aos judeus que estavam escondidos, mas ela logo conseguia ser liberada ao apresentar sua carteira de funcionária consular. Com a ajuda de Hardner, antigo guarda civil e proprietário da autoescola onde aprendera a dirigir seu Opel Olympia, Aracy forjava atestados de residência falsos para que judeus de qualquer parte da Alemanha pudessem pedir vistos em Hamburgo. Um dia, segundo testemunhou um desses judeus, Aracy deu uma bronca tão grande num policial que queria revistá-la que ele se encolheu diante de

sua baixa estatura e grandiosa beleza. Aracy, então, atravessou calmamente a fronteira com um judeu no porta-malas do carro (BRUM, 2008).

Enquanto a Alemanha vomitava seu ódio contra as raças inferiores e os inimigos do regime, Aracy e João Guimarães Rosa viviam uma grande história de amor, situação que não impediu as atividades clandestinas dela. O fato de o casal nunca ter vivido sob o mesmo teto em Hamburgo facilitou o uso do apartamento de Aracy como esconderijo aos judeus. Segundo confessou anos depois, João “dizia que eu exagerava, mas não se metia muito. Nunca tive medo de nada nem de ninguém”.

De Baden-Baden ao Rio de Janeiro

Diante da deterioração da conjuntura internacional, a embaixada brasileira em Berlim instruiu Guimarães Rosa, cônsul adjunto, a se desfazer dos documentos do consulado de Hamburgo, incluindo pedidos e registros de vistos e passaportes em branco. De dezembro de 1941 a 26 de janeiro de 1942, Guimarães Rosa e Aracy cuidaram de incinerar e listar os documentos incinerados, atendendo às instruções superiores (Listas de documentos incinerados, dez. 1941 – AHI/Rj).



Aracy e Guimarães Rosa em Baden-Baden, 1941. Acervo: IEB/USP.

A partir de fevereiro de 1942, o Brasil rompeu relações com os países do Eixo, após o afundamento de 13 navios brasileiros por submarinos alemães e italianos. Contra Hitler, o Brasil aliou-se aos Estados Unidos, à Inglaterra e à União Soviética. Diante do rompimento oficial das relações diplomáticas com a Alemanha, os diplomatas brasileiros foram presos e levados para a estação termal de Baden-Baden, próxima da fronteira da França. Aracy e Guimarães Rosa permaneceram confinados com outros colegas diplomatas durante três meses até se estabelecer a troca de diplomatas entre os dois países. Entre os prisioneiros estava o pintor pernambucano Cícero Dias que se encontrava na França.^A

O retorno definitivo de Aracy ao Brasil, após oito anos de ausência, ocorreu via Lisboa, onde aguardou, por causa das dificuldades impostas pela guerra, o navio por quase um mês. Guimarães Rosa, por sua vez, seguiu em missão para Bogotá, como segundo secretário da embaixada, onde permaneceu de setembro de 1942 a abril de 1944. Aracy não o acompanhou, pois optou por retomar a vida em S. Paulo, morando com a mãe e o filho no bairro de Perdizes, na Rua Itapicuru nº 927. Eduardo passou a frequentar uma escola alemã e o Clube Pinheiros, fundado por imigrantes alemães, e Aracy pediu demissão do Itamaraty.

Guimarães Rosa voltou para o Brasil em abril de 1944, assumindo funções na sede do Itamaraty, no Rio de Janeiro, cidade onde o casal passou a viver junto. Eduardo permaneceu em S. Paulo sob os cuidados da avó, estudou direito, casou-se e teve filhos. Somente em agosto de 1948 Aracy e João Guimarães Rosa, então desquitados, oficializaram a união na embaixada do México, no Rio de Janeiro. Em setembro,

A-Cícero Dias, um dos mais importantes pintores brasileiros, nasceu em 5 de março de 1907, na cidade de Escada, em Pernambuco. Iniciou a carreira de artista produzindo aquarelas representando sonhos e personagens, em escala diferente das paisagens realizadas na década de 1920. Em 1926 e 1919, seu painel de 15 metros *Eu vi o mundo... ele começava no Recife* causou escândalo por retratar mulheres nuas, muito ousadas para aquele tempo, quando exibido ao público pela primeira vez, no Salão Revolucionário em 1931. Em 1937, o artista teve que sair do Brasil, fugindo da ditadura de Vargas, e firmou residência em Paris, onde conheceu Fernand Léger e Henri Matisse, e tornou-se amigo de Pablo Picasso. Durante a ocupação da França pela Alemanha, foi feito prisioneiro. Na capital francesa, suas exposições foram muito elogiadas. Faleceu em Paris, em 28 de janeiro de 2003.

Vozes do Holocausto

o casal foi residir em Paris, onde Rosa serviu na embaixada do Brasil até março de 1951, ano em que Circular Secreta nº 1.127 foi revogada.^A

Ao retornarem, Aracy e João instalaram-se definitivamente na capital federal, passando a viver em um apartamento em Copacabana, com vista para a Praia do Arpoador. Ali viveram até a morte de Guimarães Rosa, em 19 de novembro de 1967, que deixou gravado em *Grande sertão: veredas* seu amor por Aracy:

Serás tudo para mim: mulher, amante, amiga e companheira. Sim, querida, hás de ajudar-me a escrever os nossos livros. Não só passarás à máquina que eu escrever, como poderás auxiliar-me muito. Tu mesma não sabes o que vales. Eu sei, e sempre disse, que tens extraordinário gosto, para julgar coisas escritas. Muito bom gosto e bom senso crítico. Serás, além de inspiradora, uma colaboradora valiosa, apesar ou talvez mesmo por não teres pretensões de “literata pedante”. E estaremos sempre juntos, leremos juntos, passearemos juntos, nos divertiremos juntos, envelheceremos juntos, morreremos juntos.^B



Aracy e Guimarães Rosa com seus gatinhos.
Rio de Janeiro, 1957. Acervo: IEB/USP.

A-A Circular Secreta nº 1.127 imposta pelo Itamaraty em 1937 somente foi revogada em 19 de fevereiro de 1951, coincidindo com as repercussões na imprensa da homenagem a ser prestada pelos franceses a Luiz Martins Souza Dantas, que, assim como Aracy, havia liberado vistos para os judeus durante o período em que esteve em missão diplomática na França ocupada. Por contrariar as regras antissemitas impostas pelas Circulares Secretas, Souza Dantas foi processado “a bem do serviço público” (KOIFMAN, 2002; CARNEIRO, 2010).

B-ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958, p. 3. Pode-se conferir a importância dessa dedicatória para João Guimarães Rosa em suas cartas de 19 e 25 de junho de 1964 para seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason. Cf. ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. p. 185-188. Ver também Bonomo (2009).

Caminhando contra a ditadura

Com a morte de Guimarães em novembro de 1967, Aracy teve ainda de encontrar forças para superar a perda do marido e outra ditadura, que implantou o Ato Institucional nº 5 (AI-5) e restringiu a liberdade dos brasileiros (principalmente intelectuais) em 1968. Incansável, Aracy não abandonou suas atividades de mulher subversiva à ordem. Viúva, retomou suas ações de solidariedade aos perseguidos pela ditadura militar. No final de 1968, escondeu em seu apartamento, com vista para o Forte de Copacabana no Rio de Janeiro, o compositor e cantor Geraldo Vandré, perseguido pelo regime pela composição da canção “Pra não dizer que não falei das flores” (mais conhecida como “Caminhando”), adotada como um hino de protesto contra a ditadura. Caçado pela repressão, Vandré compunha no sofá do apartamento de Aracy, tocava violão, tendo os netos de sua protetora como “olheiros”, caso avistassem qualquer movimento de oficiais vestidos de verde-oliva. Conseguiu viajar para S. Paulo numa Kombi, com o neto mais velho de Aracy, Eduardo Tess Filho. E de lá, Vandré partiu o exílio.



Aracy de Carvalho Guimarães Rosa em seu apartamento de Copacabana, em 1992. Fotografia publicada pelo Templo Cultural Delfos, Elfi Kürten Fenske – ano VIII, 2018. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2011/01/as-veredas-de-rosa-aracy.html>>. Acesso em: 14 set. 2018.

Aos 80 anos, Aracy foi vítima da violência urbana que continua abalando a cidade maravilhosa do Rio de Janeiro. Após ser assaltada na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, resolveu abandonar aquele campo minado. Aceitou vir para S. Paulo onde reencontrou sua amiga Margarethe Bertel Levy com quem compartilhou, ainda que sem memória, seus últimos anos de vida. Sem condições de reconhecer sua grande amiga, “esqueceu-se” dela. Margarethe, viúva e sem filhos, passou a ser cuidada por Eduardo, filho único de Aracy. Seu testemunho foi decisivo para o reconhecimento de Aracy pelo Yad Vashem em Israel.^A

A lista incompleta de Aracy

Ao contrário das listas de Schindler, Görden, Souza Dantas e Johannes Schauff, não existe uma lista elaborada pela própria Aracy. De acordo com vários historiadores que ao longo dos anos têm pesquisado as ações humanísticas de Aracy, ela salvou dezenas de pessoas, mas os nomes ainda precisam ser completados. As fichas consulares de qualificação assinadas por João Guimarães Rosa oferecem indícios das estratégias de camuflagem utilizadas pelo casal, como no caso de o requerente ser judeu (com Sara ou Israel entre o nome e o sobrenome) e ter recebido visto temporário. Devemos estar atentos para os casos de o requerente ser católico e ter sido admitido em caráter permanente, nos termos do Decreto nº 3.010 de 1938. Com esse perfil, atendia ao projeto político-racial endossado pelo governo Vargas, como foi o caso da alemã Klara Schindler (irmã M. Edigna). No entanto, essa

A-As trajetórias de Aracy Moebius de Carvalho e Maria Margarethe Bertel Levy são tema de investigação da historiadora Mônica Raisa Schpun, do Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo e da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Sobre elas, ver: SCHPUN, Mônica Raisa. História de um *happy end* transatlântico. In: SCARZANELLA, Eugenia; SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Sin fronteras: dialogos de mujeres y hombres entre America Latina y Europa (siglos XIX e XX)*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2008. p. 223-241. Um capítulo especial sobre Maria Margarethe Bertel Levy está disponível em: SCHPUN, Mônica Raisa. *Justa. Aracy de Carvalho e o resgate de judeus. Trocando a Alemanha nazista pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 249-355.

identidade poderia ter sido forjada com documentos falsos, como a apresentação de um atestado de batismo (CARNEIRO, 2010).

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MODELO S.C. 139
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 13377

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Klara Schindler (Irmã M. Edigna)
Admitido em território nacional em caráter permanente
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 24 letra do dec. n. 3010, de 1938
Lugar e data de nascimento Schönau / 14.3. / 1906
Nacionalidade alema Estado civil solteira
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Joseph e Anna Schindler
Profissão Religiosa
Residência no país de origem Ingolstadt

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 161/1939 expedido pelas autoridades de Ingolstadt na data 21.6.1939
visado sob n. 794

Consulado Geral do Brasil em Hamburgo
8 de Julho de 19 39
O CONSUL: *J. Guimarães Rosa*

ASSINATURA DO PORTADOR: *Schindler Klara (M. Edigna)*

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Ficha consular de qualificação de Klara Schindler (irmã M. Edigna), admitida em caráter permanente, com assinatura do cônsul João de Guimarães Rosa. Hamburgo, 8 de julho de 1939. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Dentre os nomes citados por Mônica Schpun e Tucci Carneiro em seus livros sobre o tema, temos os nomes e/ou a famílias que confirmaram a ajuda dada por Aracy:

Albert Feis: Natural de Spiesen, uma pequena cidade de Sarre, no sudoeste da Alemanha. Desde os primeiros anos do século XX, vivia em Hamburgo, onde tornou-se banqueiro. Antes, em 1904, havia trabalhado no M. Bacharh, em Hanu-am-Maim, e, entre 1907 e 1913, no Banco E. Calman. Após ter lutado na Primeira Guerra Mundial, resolveu abrir seu próprio banco que manteve até 1938, localizado na área luxuosa da cidade. Bem-sucedido, casou-se com Ilka Alice, Hess de solteira, que não chegou a acompanhá-lo ao Brasil. Foi preso por quatro homens da *Gestapo* que o levaram para o campo de Fuhlsbuettel, uma antiga prisão construída no final do século XIX, no norte de Hamburgo. Inicialmente controlada pela SA, o campo passou para a *Gestapo* em 1936. Albert foi preso novamente às vésperas

da *Noite dos Cristais*, sendo libertado com a condição de deixar a Alemanha antes de 1º de janeiro de 1939. Segundo Mônica Schpun (2011, p. 230-231), Albert e Ilka nunca mais se encontraram. Albert desembarcou sozinho no porto de Santos, em 14 de março de 1939, aos 51 anos. As filhas do casal, Ellen Ruth (1925-2002) e Marion (1927-2009), partiram para a Inglaterra e, em abril de 1939, juntaram-se ao pai em S. Paulo.

Maria Margarethe Bertel Levy e Bruno Levy: Margarethe Bertel era hamburguesa, filha de judeus poloneses, vinha de uma família rica e liberal. Poliglota, dominava sete idiomas e trabalhava com importação e exportação. Era casada com o dentista Hugo Levy que conheceu no consultório quando era sua paciente, sendo 16 anos mais jovem. Após o *pogrom* da *Noite dos Cristais* de 9 a 10 de novembro de 1938, Margarethe, então com 30 anos, foi procurar Aracy no consulado-geral do Brasil em Hamburgo com o objetivo de conseguir vistos para emigrarem para o Brasil onde tinham parentes. Judeus liberais, os Levy estavam aterrorizados, pois a SS já havia vistoriado o consultório de Hugo, razão pela qual estava escondido na casa de amigos. Precisavam, com urgência, liberar os vistos para o Brasil onde tinham parentes.

Contrariando as Circulares Secretas que impunham restrições à entrada de judeus (semitas) no Brasil, Aracy conseguiu que o cônsul Antônio de Souza Ribeiro assinasse esses vistos em caráter temporário para 90 dias, com direito a renovação para mais alguns meses, devendo retornar à Alemanha. Detalhe: Aracy deixou em branco o espaço que depois foi preenchido por ela: “Este visto deve ser transformado em permanente na chegada ao Brasil”.

Apertados pelo cerco nazista, Aracy escondeu Hugo em casa e, depois, emprestou o carro diplomático para que Margarethe o levasse ao interior. Uma rede de alemães arianos ajudou o casal Levy. Coube a Zumkley, um oficial da SS, que havia sido amamentado pela mãe de Hugo, a função de avisá-lo sobre o momento certo de partir. Plambeck, um ex-paciente de Hugo, escondeu-o em sua casa por 12 dias, enquanto outro paciente, funcionário público, conseguiu convencer um colega a encarregá-lo de assumir o inventário do patrimônio dos Levy que incluía o consultório. Segundo contou Margarethe anos depois, um esquema foi organizado para levá-los até o porto, escapando da vigilância nazista. Aracy colocou o carro com placa diplomática a serviço de Margarethe que conseguiu fugir até o porto carregando consigo algumas joias. Em 23 de novembro de 1938, Maria Margarethe e

Hugo Levy embarcaram no Cap Arcona levando seus bens, parte do consultório e seus dois cachorros. Um terceiro paciente-amigo garantiu-lhes o conforto de quatro cabines no navio Cap Arcona. Passaram a viver em S. Paulo. Durante o Holocausto na Polônia, Margarethe perdeu 20 familiares, incluindo a mãe que foi assassinada pelos nazistas.



Margarethe e Hugo Levy.
Alemanha, final da década de
1930. Acervo: IEB/USP.

Inge e Günter Heilborn: Inge Bloch (1914-2000) era natural de Breslau, onde existia a terceira maior comunidade judaica da Alemanha. Seu noivo, Günter Heilborn (1912-1992), era natural de Gleiwitz. Após a *Noite dos Cristais*, Günter foi levado para o campo de concentração de Buchenwald. Entendendo que naquele momento ainda era possível conseguir a libertação de judeus que tivessem vistos para deixar a Alemanha, Inge dirigiu-se ao consulado-geral do Brasil em Hamburgo, certamente seguindo os rumores que corriam sobre as ações clandestinas de Aracy. Na sala do consulado, Inge juntou-se a dezenas de judeus que, assim como ela, aguardavam um “visto para vida”. Aracy aconselhou Inge a trocar os passaportes de suas cidades – Breslau e Gleiwitz – pelos de Hamburgo para que pudesse ajudá-los.

Inge pode ter cruzado ali com Grete e Max Callmann, acudados num canto da sala. “Eu me lembro como se fosse ontem”, contou Grete anos depois. “Meu marido viajou para todas as cidades da Alemanha onde existia consulado do Brasil e dos Estados Unidos. Um dia me ligou dizendo que havia chance em Hamburgo. No dia seguinte, estávamos num canto, esperando nossa vez na sala cheia. De repente, uma moça nos chamou. Era a dona Aracy. Ela nos arrumou visto para viajar para o Brasil. Nós quisemos pagar. Mas ela disse: ‘Vocês não me devem nada’” (BRUM, 2008).

Com o visto conseguido por intermédio de Aracy, Inge arrancou Günter do campo de concentração. Antes de embarcar para o Brasil, Inge e Günter casaram-se no dia 2 de janeiro de 1939, cinco dias antes de obterem seus atestados de antecedentes e os passaportes. “No trem para Hamburgo, vi pela janela minha mãe quase desmaiar”, contou Grete aos 94 anos ao ser entrevistada pela revista *Época*: “Foi a última vez que eu a vi” (BRUM, 2008).

Vozes do Holocausto

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 35673/1

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Günter Heilborn
 Admitido em território nacional em caráter temporario
(temporário ou permanente)
 Nos termos do art. 25 letra a do dec. n. 3010, de 1938
 Lugar e data de nascimento Gleiwitz / 13.5. / 1912
 Nacionalidade alema Estado civil casado
 Filiação (nome do Pai e da Mãe) Wilhelm Heilborn e Selma Heilborn Profissão dentista
 Residência no país de origem Hamburgo

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 375 expedido pelas autoridades de Hamburgo na data 7.I.1939
 visado sob n. 162

ASSINATURA DO PORTADOR:
Günter Heilborn

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



SELC CONS

Consulado Geral do Brasil em Hamburgo
 24 de Janeiro de 19 39
 O CONSUL:
J. Guimarães Rosa

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 35692/2

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Inge Vera Heilborn
 Admitido em território nacional em caráter temporario
(temporário ou permanente)
 Nos termos do art. 25 letra a do dec. n. 3010, de 1938
 Lugar e data de nascimento Breslau / 4.6. / 1914
 Nacionalidade alema Estado civil casada
 Filiação (nome do Pai e da Mãe) Paul Bloch e Elfriede digo Elfriede Bloch Profissão ./.
 Residência no país de origem Hamburgo

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 377 expedido pelas autoridades de Hamburgo na data 7.I.1939
 visado sob n. 163

ASSINATURA DO PORTADOR:
Sara Inge Vera Heilborn geb. Bloch

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



SELC CONS

Consulado Geral do Brasil em Hamburgo
 24 de Janeiro de 19 39
 O CONSUL:
J. Guimarães Rosa

Ficha consular de qualificação de Günther e da esposa Inge Vera Heilborn, com visto emitido em 24 de janeiro de 1939, assinada por João Guimarães Rosa.
 Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Com vistos temporários embarcaram no navio Monte Sarmiento. A noiva estava de preto – um luto profético. Para muitos, partir significava viver, mas, para alguns, abandonar os pais era como deixar morrer uma parte da vida.

Günter e Inge tiveram três filhos – Marion Aracy, Miguel e Ruth – que nasceram no Brasil durante a guerra. O nome de Maryon Aracy foi dado em homenagem a Aracy que lhes garantiu os “vistos de salvação” e a retomada da vida, apesar das dificuldades.

Günter levou uma década para ter reconhecido seu diploma de dentista. Nos primeiros anos, sustentou a família com a ajuda de prostitutas tratando os dentes das mulheres num quartinho de prostíbulo. Quando um policial aparecia, elas diziam que o quarto era usado para fins comerciais. Inge costurou para fora, teve malharia, fez congelados, criou uma colônia de férias em Campos do Jordão. Parecia suportar melhor o peso da vida partida, sorria mais. Günter proibiu o filho de usar marrom, cor do terno que vestia quando foi preso pelos nazistas. Nunca teve bigode. Era chamado pelos netos de “biblioteca ambulante”, porque discorria sobre qualquer tema, de mitologia grega a botânica. Menos sobre o Holocausto (BRUM, 2008).

Günter Heilborn criou uma espécie nova de orquídea batizada com o nome de Selma, em homenagem à sua mãe, assassinada pelos nazistas nos fornos crematórios. Selma tinha pétalas brancas e amarelas. Todas as tardes, ele e Inge sentavam-se para ouvir música clássica, sem jamais ouvir Wagner. Günter faleceu em 1992 e Inge em 2000, deixando com vida uma grande árvore representada por Marion Aracy, a filha mais velha, que teve dois filhos: Selma e Paulo. Selma casou-se com Jorge, e tiveram quatro filhos: as trigêmeas Marina, Juliana e Luiza, e Alexandre. Paulo casou-se com Ana Cintia, de cuja união nasceu Carolina. Tudo isso graças a Aracy que garantiu a continuidade dessas vidas.

Grete e Max Callmann: Na noite de 9 de novembro de 1938, Grete já estava recém-casada com Max, 22 anos mais velho, que havia sido diretor de uma grande loja de departamentos. Como todos os judeus, perdera o posto por um decreto nazista. Sobreviviam agora com uma fábrica de aventais. Certa vez, Grete acordou às 5 horas com um barulho terrível de vidros quebrados. Comentou com o marido: “Algo muito ruim está acontecendo”. No dia seguinte, os milhares de estilhaços de vidros quebrados das lojas de comerciantes judeus denunciavam o teor da violência nazista que ia muito além: dezenas de judeus haviam sido assassinados, lojas e empresas judias saqueadas, sinagogas incendiadas e cerca de 30 mil homens confinados em campos de concentração. *A Noite dos Cristais* marcou o acirramento de um genocídio único na história da humanidade. Nessa data, Grete teve o pai preso num

Vozes do Holocausto

campo e o apartamento destruído após a *Noite dos Cristais*. Seu irmão Walter conseguiu fugir para os Estados Unidos, um pouco antes de ela e o marido Max embarcarem para o Brasil, em 28 de dezembro.

Graças à ajuda de Aracy, o casal Callmann desembarcou no Brasil em fevereiro de 1939. A única joia que Grete Callmann conseguiu trazer foi roubada pelos funcionários brasileiros quando o navio ancorou no porto do Rio de Janeiro. Era seu anel de casamento. Grete era pianista e havia estudado desde os 6 anos para interpretar Beethoven, Mozart e até Wagner, conhecido por ter sido o compositor preferido dos nazistas. O terror nazista e o estresse vivenciados por Grete durante a fuga resultaram em sintomas de doenças que nunca existiram, conforme constataram os médicos brasileiros. As tristes notícias não tardaram, preanunciadas pelas cartas que chegavam da Alemanha onde seus pais estavam num campo de concentração. Até o momento em que as cartas deixaram de chegar, a guerra acabou, e, em 1945, Hitler cometeu suicídio. A deposição de Getúlio Vargas anunciava que novos ventos sopravam, também, no Brasil. Nesse momento, Grete e Karl Franken souberam que os pais estavam mortos e que haviam sido incinerados nas câmaras de gás. Felizmente conseguiram retomar a vida, agora com novo significado.

0024035 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Johanna Sara Alexander

Admitido em território nacional em caráter permanente (temporário ou permanente)

Nos termos do art. 24 letra - do dec. n. 3.010 de 1938

Lugar e data de nascimento Werther/West. / 17.10.76

Nacionalidade alemã Estado civil solteira

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Moses e Sophie Alexander

Profissão sem

Residência no país de origem Werther, Alemanha

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 462 expedido pelas autoridades de Werther, Alem. na data 8 de Março de 1939

visado sob n. *Johanna Sara Alexander*

ASSINATURA DO PORTADOR

Consulado --- do Brasil em Colônia

4 de Dezembro de 1939

O CONSUL *João Guimarães Rosa*

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Margarete Sara Callmann, com visto emitido em 26 de janeiro de 1939, assinada por João Guimarães Rosa. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.